

INSTITUTO DE ANTROPOLOGIA «DR. MENDES CORRÊA»
UNIVERSIDADE DO PORTO

Director — *Prof. Doutor Santos Júnior*

Homenagem do autor

O TORQUES DE VILAS BOAS (VILA FLOR)

POR

J. R. DOS SANTOS JÚNIOR

Professor de Antropologia da
Universidade do Porto

OSVALDO DA SILVA FREIRE

Assistente de Antropologia da
Universidade do Porto



1965

Companhia Editora do Minho
BARCELOS



03.2(469.21)(04)
AN

**O TORQUES DE VILAS BOAS
(VILA FLOR)**

INSTITUTO DE ANTROPOLOGIA «DR. MENDES CORRÊA»
UNIVERSIDADE DO PORTO

Director — *Prof. Doutor Santos Júnior*

O TORQUES DE VILAS BOAS (VILA FLOR)

POR

J. R. DOS SANTOS JÚNIOR

Professor de Antropologia da
Universidade do Porto

OSVALDO DA SILVA FREIRE

Assistente de Antropologia da
Universidade do Porto



1965

Companhia Editora do Minho
BARCELOS



Barceliana Perm.

*Extracto do fasc. 1-4 do Vol. LXXV
da Revista de Guimarães*

TRANSFERENCIA AUTORIZADA
POR DESPACHO DE 26 / 5 / 82

O torques de ouro de Vilas Boas (Vila Flor)

Em meados do passado mês de Abril um de nós (S. J.) foi solicitado a deslocar-se a Vila Flor para emitir parecer sobre um achado arqueológico, aparecido havia poucos dias na freguesia de Vilas Boas, termo do concelho de Vila Flor, distrito de Bragança.

Ali fui no dia 22 de Abril acompanhado do meu assistente e colaborador Lic. Osvaldo Freire.

Na tarde desse dia, na companhia do Sr. Vice-Presidente da Câmara Municipal de Vila Flor, Agente-Técnico Nuno Álvares Pereira Palha de Aragão Lobo e do Chefe da Secretaria da mesma Câmara e encarregado do Centro de Cultura Municipal, Sr. Raúl de Sá Correia, deslocámo-nos a Vilas Boas para ver o torques na posse do seu achador, o Sr. José Dionísio.

Este ali nos aguardava com o torques embrulhado num trapo, tapando-o com a aba do casaco.

Verificámos, não sem sobressalto, que o torques ameaçava fractura por uma das «gaiolinhas» do arco estar presa apenas por um ou dois arames ao segmento terminal correspondente. Preocupados com a possível e fácil ruptura daquela preciosa peça impunha-se soldar os arames de ouro daquela «gaiolinha», que, segundo parece, tinham sido quebrados e desprendidos a alicate para retirar e ver a bolinha que dentro dela se encontrava.

O Sr. José Dionísio prontamente nos confiou o torques que levámos a Mirandela e ali foi soldado na oficina dum ourives local.

O torques ficou em poder da Câmara Municipal e depositado num velho cofre do Museu Regional. No dia seguinte pudemos estudá-lo. Tirámos algumas fotografias e fizemos alguns desenhos.

Pusemo-nos em comunicação telefónica para Guimarães com o Sr. Coronel Mário Cardozo, a quem participámos o achado deste belo torques, pondo em realce a beleza daquela rara peça arqueológica, incitando-o a deslocar-se a Vila Flor para a ver e estudar.

O Sr. Coronel Mário Cardozo, estudou e publicou trabalhos sobre os três torques de Paradela do Rio e o torques de Chaves, e ao estudo dos ouros proto-históricos tem dedicado a sua atenção de especialista das nossas jóias arcaicas; sobre tais matérias publicou vários trabalhos (1). Por isso era ele a pessoa naturalmente indicada para fazer o estudo daquele belíssimo torques.

Impossibilitado de se deslocar a Vila Flor, tivemos nós de colher os necessários elementos de estudo de que damos conta neste trabalho.

Dada a beleza da peça e a sua importância arqueológica, mas sem qualquer preocupação de prioridade, apresentámos ao IV Colóquio Portuense de Arqueologia (Porto, 4 a 6 de Junho de 1965) uma nota sucinta sobre o achado de Vilas Boas.

Um de nós (O. F.), no dia 5 de Junho, fez a anunciada comunicação, acompanhada da projecção de fotografias que tirámos à peça em Vila Flor, em condições que estavam longe de ser boas.

Se a peça nos tivesse sido confiada, como chegou a aventar-se, tê-la-íamos fotografado no Porto, seguramente com melhor êxito.

(1) Damos a seguir uma série de trabalhos do Sr. Coronel Mário Cardozo sobre joalheria primitiva:

Jóias arcaicas encontradas em Portugal — Separata da Revista *Nós*, Corunha, 1930.

Um crime de lesa-Arte e de lesa-Arqueologia — Revista de Guimarães, vol. XLVII, 1937, p. 89.

Jóias áureas proto-históricas da Citânia de Briteiros. Contribuição para a história da indústria da filigrana no Norte de Portugal — Revista Petrus Nonius, Lisboa, vol. I, 1938, e Revista de Guimarães, vol. XLVIII, 1938, p. 35.

Local e condições do achado

O torques apareceu num campo de lavradio, no sítio das *Tamancas*, uma baixa na base da vertente sul do «Monte da Senhora da Assunção do Cabeço» (fig. 1). Segundo informou o Sr. José Dionísio, possuidor do torques, «um dia antes da Semana Santa», abriu uma cova para plantar uma estaca de oliveira numa sua propriedade, denominada *As Tamancas*, que toma o nome do sítio. Coisa de uns 10 dias depois veio lavrar o chão onde havia

Uma notável peça de joalheria primitiva — Anais da Fac. de Ciências do Porto, tomo XXVII, 1942.

Una pieza notable de la orfebrería primitiva — Archivo Español de Arqueología, Madrid, vol. XV, 1942, p. 93.

Antiguidades transmontanas. I — Fragmento de um torques de ouro — Revista de Guimarães vol. LIII, 1943, p. 109.

Novo achado de jóias pré-romanas — Revista de Guimarães, vol. LIV, 1944, p. 19.

Mais uma achega para o estudo da joalheria pré-histórica portuguesa — Boletim do Grupo Alcaides de Faria, Barcelos, 1950.

A propósito da lavra do ouro na Província de Trás-os-Montes durante a época romana — Comunicação apresentada ao IV Congresso Internacional de Ciências Pré-históricas e Proto-históricas. Madrid, 1954. Revista de Guimarães, vol. LXIV, 1954, p. 113.

Algumas considerações sobre as origens e a técnica da nossa joalheria arcaica — Comunicação apresentada ao I Congresso de Etnografia e Folclore. Braga, Junho de 1956.

Notícia de duas novas arrecadas de ouro antigas — Comunicação apresentada ao XXIII Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências. Coimbra, Junho de 1956. Revista de Guimarães, vol. LXVI, 1956, p. 449.

Das origens e técnica do trabalho do ouro e sua relação com a joalheria arcaica peninsular. Conferência pronunciada no Paço Ducal de Vila Viçosa, em 15-8-1956. Revista de Guimarães, vol. LXVII, 1957, p. 5.

Notícia de uma jóia antiga adquirida pelo Museu de «Martins Sarmento» — Revista de Guimarães, Vol. LXVII, pp. 179 ss. Guimarães, 1957.

Jóias de ouro proto-históricas — Revista de Guimarães. Vol. LXIX, n.os 1-2, Janeiro-Junho 1959. Barcelos, 1959, pp. 127 a 138, 12 figs.

Joalheria lusitana — Conimbriga, Vol. I, pp. 13-27. Coimbra, 1959.

Sobre a forma de usar certas arrecadas proto-históricas (Rectificação etnográfica) — Boletín de la Comisión Provincial de Monumentos Históricos y Artísticos de Orense. Tomo XX, pp. 419-422. Orense, 1959-60.

Pedras de anéis romanos encontradas em Portugal — Revista de Guimarães, Vol. LXXII. p. 155.

plantado a estaca. A lavragem trouxe à superfície o torques, a que não atribuiu grande valia. Supô-lo de lata, «a modo dum castiçal para duas velas», e deu-o à filha, que o foi pôr em cima da parede de vedação do prédio. Ali ficou «aquela lata» dum dia para o outro. Ao outro dia a filha levou o torques para casa, foi mostrá-lo ao abade da freguesia e a mais pessoas, entre elas a um estudante da Universidade de Coimbra. Este considerou a peça de interesse arqueológico e, na Quinta-Feira Santa, levou-a à Câmara Municipal.

Foi assim que o Sr. José Dionísio contou o achado que fez nas *Tamancas* e o modo como o torques foi levado à Câmara.

Sucede porém que, pegado e ao lado de cima da propriedade referida, há outro campo de lavradio, *a terra das Tamancas*, de que é dona a Sr.^a Cândida Ferreira, conhecida pela Sr.^a Cândidinha do Soto⁽¹⁾.

Outra versão do achado é a seguinte.

O Sr. Joaquim da Silva Amaral, jornaleiro ao serviço da Sr.^a Cândida Ferreira, informou que em princípios de Março foi lavrar a *terra das Tamancas*.

Eis como este jornaleiro nos referiu as condições do achado:

Ao lavrar a *terra das Tamancas* notou que «aquele objecto foi de rojo uns 4 ou 5 metros na frente da roda da charrua». Atentou nele e parou a junta. «Pareceu-lhe uma coisa de cemitério, uma coisa de nojo», tanto que afirmou: «Nem lhe pus as mãos; arrumei-o para o lado com a aguilhada.»

Como se verifica, as condições do achado divergem.

Importava averiguar com precisão o sítio exacto onde apareceu o torques, para ali se fazer uma escavação convenientemente orientada, pois, sabe-se que achados desta natureza correspondem a esconderijos onde por vezes aparecem várias jóias⁽²⁾.

(1) *Soto* é designação muito corrente em Trás-os-Montes de estabelecimento comercial, ou loja.

(2) Muitos achados de jóias arcaicas feitos modernamente e em especial os do castro de Recousó, Lebução, Laundos, Estela e Paradela do Rio, deram-se em condições e em sítios que podem ser considerados como esconderijos de ourives, que se viram obrigados a esconder as jóias e os bolos ou lingotes de ouro ou de prata, que não puderam voltar a recolher.

Chegámos a iniciar o serviço de escavação passando ao crivo a terra que ia sendo revolvida no local que, de modo assaz vago, nos foi indicado pelo Sr. José Dionísio.

Não apareceu qualquer coisa de interesse.

Durante os trabalhos iniciais da prospecção que pretendíamos realizar, ali apareceu o jornaleiro Joaquim da Silva Amaral, a declarar que o torques o vira ele muito antes, ao lavrar a terra da propriedade que, como já dissemos, fica pegada e ao lado de cima da do Sr. José Dionísio. Suspendemos a escavação, que apenas havíamos iniciado. Impunha-se averiguar com rigor o sítio onde aparecera o torques. Sem isso seria escavar um pouco à toa.

Cada um dos pretensos achadores defendia a sua informação.

O Sr. José Dionísio, que connosco teve sempre atitudes de aprumo e correcção, referia-se com uma pontinha de despiciência ao outro achador, afirmando que as afirmações dele não podiam ser tomadas em conta, e rematou assim: «A mim podem-me aceitar as minhas palavras como as da Sagrada Escritura.»

Por sua vez o jornaleiro Joaquim da Silva Amaral, o outro pretenso achador do torques, contou-nos as condições em que fez o achado e, a reforçar as suas declarações, afirmou: «A mim pouco me interessam as coisas velhas que encontro, e aquele objecto até me meteu nojo. Mas o senhor Zé (referência a José Dionísio) é um homem *curjideiro*: se encontra uma ferradura leva-a para casa.»

Por último, e para reforçar categoricamente aquilo que contava quanto ao aparecimento do torques levado de rojo diante da charrua com que lavrava a *terra das Tamancas*, tirou o chapéu e, voltado para o alto do cabeça onde se ergue a bela igreja de Nossa Senhora da Assunção, numa atitude espectacular de impressionante vibração, afirmou, quase gritando: «Se eu não vi isto como digo, que Nossa Senhora da Assunção me tolha de pés e mãos e ainda eu estoire agora aqui como um boneco!»

Não nos competia esclarecer qual dos dois foi de facto o achador da peça, isto é, aquele que a topou. O que nos interessava, e muito, era averiguar com precisão o sítio onde o torques apareceu para ali procedermos a minuciosas pesquisas.

Não nos sobejava tempo para esclarecer e apurar qual dos dois pretensos achadores tinha justa razão. Pusemos de parte o intento da escavação.

Como informe complementar devemos informar que no cabeço onde se ergue a igreja de Nossa Senhora da Assunção fomos encontrar restos de muralhas e terra-plenos ao longo do alinhamento das mesmas.

A exploração a que procedemos foi sumária. No entanto não temos a menor dúvida de que ali existiu um castro, a que o fraguado alcantilado dava naturais condições de defesa.

As jóias de ouro tiveram grande florescimento no apogeu da civilização castreja, e embora o esconderijo possa corresponder a um período diferente, a circunstância de o sítio das *Tamancas* ficar na base do cabeço onde existiu um castro não pode deixar de ser referida.

Seria interessante que, durante as férias, um grupo de estudantes de Vila Flor, convenientemente orientado, iniciasse escavações no Castro do Cabeço de Nossa Senhora da Assunção.

O torques: descrição sumária

O torques está deformado por pancada sofrida num dos segmentos terminais. Isto diminuiu a sua curvatura, afastando as duas cabeças distantes entre si 152 mm.

A ser verdade o que informa um dos pretensos e primeiro achador é lógico admitir que tal deformação tenha resultado da pancada da charrua ao lavrar, ou do encontro com uma pedra no arraste da peça diante da charrua.

Pesámos torques de Vilas Boas numa balança corrente que acusou 388 gr.

É, como todos os torques, uma peça formada por um arco dobrado em C, arco rematado nas extremidades por duas cabeças. Estas são em duplo tronco de cone, como lhe chamou o grande arqueólogo galego

Florentino Cuevillas⁽¹⁾ ou, melhor, em dupla escócia, na designação geral que o distinto arqueólogo vimaranense Coronel Mário Cardozo dá a este tipo de remates ou cabeças.

É certo que Cuevillas a pag. 118 do seu trabalho sobre os torques do noroeste hispânico, cit., ao referir-se às cabeças ou remates dos torques, diz que os mais usados foram os «de landra e os de duplo tronco de cono» e acrescenta: «observandose n-istes diferenzas que afectan ô seu tamaño e â concavidade das virolas, tan acentuada n-algúns casos, que chega á dar ô obxeto a traza de unha dobre escocia».

Parece pois que para este ilustre arqueólogo galego a designação em dupla escócia seria atribuída não de modo geral mas apenas para os remates de molduras de concavidade muito acentuada.

No entanto supomos que a designação deve ser tomada no sentido geral, isto é, qualquer que seja o grau de encurvamento ou concavidade das molduras.

Num torques podemos distinguir o arco e as cabeças.

O arco do torques de Vilas Boas está dividido em 3 porções ou segmentos: um médio com cerca de 10 cm de comprimento e dois terminais, um pouco mais pequenos, rematados pelas cabeças (Figs. 2 e 3).

É frequente nos arcos dos torques distinguirem-se três porções ou segmentos: um médio e dois terminais, diferindo quer pela estrutura e dimensões do aro, quer pela natureza ou pela distribuição dos enfeites.

No torques de Vilas Boas há a particularidade interessante de os três segmentos ou porções terem intercaladas duas «gaiolinhas», feitas de arames de ouro relativamente grossos — um milímetro de diâmetro — entrecruzados e soldados aos bordos dos topos dos segmentos que entestam frente a frente (Figs. 2, 3 e 4).

Dentro de cada «gaiolinha» há uma bolinha de ouro; esfera oca do tamanho duma ervilha, que tivemos na mão quando levámos o torques para soldar a um ourives de Mirandela (Fig. 4).

(1) Florentino López Cuevillas, *Os torques do noroeste hispánico*, in «Arquivos do Seminário de Estudos Galegos», vol. IV, Santiago de Compostela, 1932, p. 97 a 130, 11 figs. intercaladas no texto e mais XI Est.

Para uma conveniente sistematização, e tanto quanto no-lo permite o pouco tempo de que dispuzemos para o estudo deste belo torques, podemos orientar o nosso trabalho estudando em separado as seguintes porções: o *arco* com um segmento médio e dois terminais; as *gaiolinhas*; as *cabeças*; depois a ornamentação e enfeites; por último algumas palavras sobre tentâmen cronológico.

Arco ou aro

É feito de chapa de ouro e tem secção quadrangular.

Não pudemos averiguar a espessura da chapa. Dada porém a sua resistência e o seu peso tal espessura deve oscilar entre 1 e 2 mm.

As duas faces superiores da haste, ou sejam as da convexidade do arco, são lisas e, como veremos depois, profusa e delicadamente ornamentadas.

As faces inferiores, do lado da concavidade, são caneladas em toda a sua extensão. Apresentam uma goteira pouco profunda, que pode bem ter sido feita a *repuxado*, por martelagem da chapa sobre molde conveniente.

O segmento médio, com cerca de 125 mm de comprimento de aresta convexa e 115 mm de aresta concava (1), tem soldados nos seus extremos os arames de ouro em lacetes das gaiolinhas, que, deste modo, o ligam aos segmentos terminais.

Estes diferem por um deles se apresentar deformado, em consequência de forte pancada que diminuiu o seu grau de curvatura.

O que se nos afigura manter íntegra a sua morfologia inicial, mostra-se acentuadamente encurvado e de encurvamento mais pronunciado na metade próxima do segmento médio.

(1) Como já referimos, chegou a pôr-se a hipótese de o torques nos ser facultado para, no nosso Instituto de Antropologia, fazermos o seu estudo pormenorizado e rectificar as observações feitas em Vila Flor. Estas foram em parte prejudicadas pela afluência de curiosos que desejavam ver a peça. As medidas tirámo-las com um duplo metro em fita de aço.

As medidas aproximadas que tirámos no segmento terminal íntegro, ou que pelo menos se nos figura como tal, foram as seguintes: crista convexa 93 mm, crista côncava 76 mm.

É perfeito o ajuste ou ligação do arco com as cabeças. As porções terminais do arco que se ligam aos discos proximais das cabeças foram-lhes soldadas. Porém, é de crer, dada a robustez do ajuste, que estejam também cravadas, como sucede com um dos torques de Paradela do Rio, generosamente oferecidos pela Empresa Hidroelétrica do Cávado ao Museu Etnológico do «Doutor Leite de Vasconcelos», por intermédio do distinto arqueólogo vimaranense Coronel Mário Cardozo.

Este apaixonado estudioso da nossa arqueologia, no seu citado trabalho *Jóias de ouro proto-históricas*, ao fazer o estudo do torque n.º 2 do achado de Paradela do Rio, refere-se à mutilação praticada neste torque para lhe arrancar um dos remates ou cabeças destacando-o do arco. Tal mutilação, sem dúvida censurável, teve o condão, como o A. realça, de revelar o seguinte processo de ligação do arco ao remate.

A extremidade do arco com entalhes ou recortes entrava bem ajustada numa perfuração de igual recorte praticada no disco proximal da cabeça. Após ajuste do topo do arco à perfuração do disco os entalhes ou recortes foram revirados e batidos a martelo. A soldadura subsequente consolidou um perfeito ajuste.

Tal deve ser, no torque de Vilas Boas, o tipo de ligação do arco às cabeças, a ajuizar pela robustez dessa ligação.

Gaiolinhas

As duas «gaiolinhas» — não encontramos outro nome para melhor as designar — que tanta graciosidade dão ao torque, são feitas por dois arames dobrados em lacetes que se entrecruzam e soldam nos extremos dos segmentos do arco. As «gaiolinhas» são, portanto, o elemento que liga entre si os três segmentos ou porções do arco.

A planificação dos arames de ouro com cerca de 1 mm de espessura, dá as figuras que se esquematizam na figura 2-G.

Um dos arames foi dobrado em lacetes serpentiniformes com dobras arredondadas, cada uma delas em contacto com as dobras vizinhas correspondentes e a elas soldada. Na linha média correspondente a esta sucessão de lacetes os arames arqueiam para fora dando assim à «gaiolinha» uma feição bojuda (Fig. 2-A).

O outro fio ou arame que corre por cima do anterior forma lacetes a que podemos chamar em V de hastes onduladas (Fig. 3).

Estes lacetes, ondulados e bem arqueados para fora, soldam-se nos pontos em que contactam e cavalgam os lacetes ondulados, bem como pelos seus vértices nos extremos dos segmentos fronteiros.

Dentro de cada gaiolinha há uma bolinha de ouro, esfera oca do tamanho de um grão de ervilha, com cerca de 7 mm de diâmetro (Fig. 4).

Cabeças

As cabeças são volumosas e em dupla escócia. As suas dimensões harmonizam-se perfeitamente com as dimensões da peça.

Cada uma delas tem no seu interior duas ou três coisas que se sentem rugir quando se sacode o torques.

Qual a natureza dessas coisas?

Podem ser simples pedrinhas, mas não repugna crer que sejam bolinhas do mesmo tipo das que se vêm nas gaiolinhas do arco.

Ambas as cabeças apresentam amolgaduras que deformaram algum tanto os seus discos e as respectivas molduras côncavas em escócia (Fig. 2 e 4).

Os discos terminais das cabeças apresentam uma depressão em escudela ou bacia, no fundo da qual está fixada uma pequenina e graciosa ave, representação segura dum palmípede (Fig. 4).

Ornamentação e enfeites

O torques de Vilas Boas conjuga várias técnicas de enfeite ou ornamentação, aplicadas com rara intuição artística e notável sentido de harmonia, conferindo-lhe grande beleza dentro dos cânones da mais pura arte.

As técnicas do *repuxado* ou marcação de saliente por martelagem ou percussão do reverso, o *estampado* ou marcação a cunho, o *pontilhado* ou gravação a buril, a *filigrana* ou aplicação de delgados fios de ouro, e o *granulado* ou ornamentação por bolinhas ou esférulas de ouro, algumas pequeníssimas que quase as podemos considerar uma verdadeira pulverização do ouro, são técnicas de que se serviram os aurífices proto-históricos.

Estas cinco técnicas estão patentes no torques de Vilas Boas.

Nele avultam as aplicações de filigrana, delgados fios de ouro distribuídos em graciosos enfeites em associação com esférulas de ouro e com um granitado miudo ou granulado em missanga.

Este granulado enche as volutas que se estendem dum lado e do outro das cristas convexas das porções terminais do arco e das que se distribuem à periferia do disco terminal das cabeças, ao redor da escudela ou bacia onde pousa o palmípede (Fig. 4).

A porção média do arco tem aplicações de filigrana nas duas faces planas que são marginadas por dois cordões. Cada um deles formado por dois fios de ouro torcidos.

Além deste delicado enquadramento ou caixilho, a porção média do arco está graciosamente enfeitada nas suas duas faces planas por dois duplos fios de ouro.

Estes dois fios duplos, em movimentos contrários, um para cá e outro para lá, percorrem as duas vertentes da crista convexa, onde se cruzam: estendem-se nas faces planas, em lacetes que abraçam sucessivamente duas fiadas de perolinhas, esférulas de ouro, dispostas ao longo das margens, 21 de cada lado.

O mesmo gracioso e delicado enfeite de fios enrolados ou torcidos um sobre o outro, margina as faces planas da parte convexa das porções terminais do arco. Estas faces estão enfeitadas por volutas sucessivas com o seu meio carregado de fina missanga de ouro (Fig. 4).

Este mesmo motivo ornamental, isto é, volutas de contornos desenhados em filigrana e totalmente carregadas de granulado fino, vê-se, como já dissemos, no rebordo dos discos terminais das escócias (Figs. 2-D e 4).

Os discos proximais das cabeças, isto é, aqueles pelos quais as cabeças se prendem ao arco, estão enfeitados com delicado desenho feito a punção.

São duplos arcos de pontilhado fino em semicircunferências, tendo como centro uma pontuação rodeada por pequenina circunferência de traço contínuo, marcada a estampado por cunho próprio (Figs. 2-C e 4).

Esta técnica de pontilhado e de estampado em que a ornamentação se obtém martelando um punção ou trépano, implica, como é natural, ponteiros, cunhos, ou punções, dotados de certa rijeza.

Os punções de ferro de rija têmpera serão ferramenta excelente para tal ornamentação. No entanto é de crer que punções ou trépanos de bronze bem temperado e de boa liga, dada a maleabilidade do ouro, pudessem servir perfeitamente para o enfeitar pela técnica do pontilhado e do estampado.

Os extremos do arco que se aplicam excentricamente (Fig. 2-C) ao disco proximal de cada uma das cabeças (Fig. 4), apresentam as quatro faces salientadas em ligeiro ressaltado enfeitado por sulcos paralelos com fiadas de pontilhado obtido a punção.

A metade terminal de cada cabeça tem a sua moldura ou escócia não inteiramente lisa como a que a antecede, mas enfeitada por cordões salientes em meia cana que nos seus extremos a percorrem a toda a roda, e constituem mais um requinte de enfeite obtido por um molde de fundição ou talvez pela técnica do repuxado.

Esta mesma técnica foi usada para fazer nos discos proximais das cabeças um saliente circular como mostram as figuras 2-C, 2-E e 4.

Deixamos para o fim os dois palmípedes, patinhos ou cisnes que estão presos no fundo das bacias ou escudelas dos discos terminais das cabeças (Figs. 3 e 4).

Cada um destes palmípedes foi recortado em lâmina de ouro. Todo o contorno desta graciosa e pequenina ave tem uma aplicação de filigrana formada por um cordão de dois fios.

Os olhos de cada um destes palmípedes são formados por duas esferas de ouro ligeiramente espalmadas, soldadas aos lados da cabeça.

De um dos olhos parte um duplo fio de ouro que o rodeia em volta completa; dali, passa por cima da fronte para o olho do outro lado que vai circundar também em volta completa.

Cada olho tem pois uma volta de filigrana que desenha as pálpebras com grande exactidão.

Todo o contorno da ave é percorrido nas duas faces por um fio de filigrana que as margina e se encosta ao encordoado de dois fios torcidos um sobre o outro, que, como dissemos, segue a todo o comprimento do bordo da lâmina de ouro em que foi recortado o corpo da ave.

Repete-se aqui quase o mesmo que se observa na crista convexa das duas porções laterais ou terminais do arco. Nelas está soldado a todo o seu comprimento um cordão médio obtido por torcedura de dois fios um sobre o outro, e a ele encostados, dum e doutro lado e a todo o seu comprimento, dois cordões similares de filigrana que marginam as faces.

Nos flancos dos palmípedes, dum lado e do outro, há soldadas duas esferas achatadas ou, talvez melhor, dois discosinhos ou pequeninos botões. O fio de ouro que enrola um botão dum flanco passa por cima e vai enrolar do outro lado o botão simétrico.

Qual será a ave que o ourives quis representar com a figuração que se vê no torques?

Pato? Ganso? Cisne?

Qualquer destas hipóteses se pode pôr.

O pescoço relativamente curto é caracter que dá valia às duas primeiras hipóteses.

O profundo entalhe cervicodorsal faz lembrar o porte do cisne. No entanto nenhum dos três palmípedes citados possui cauda tão acentuadamente proeminente como mostra a esculturinha do torques.

É certo que tal proeminência pode considerar-se como o meio de que, habilidosamente, se serviu o aurífice para representar o soerguimento das asas do cisne quando voga remansadamente.

Tentâmen de cronologia

É difícil estabelecer a cronologia deste belíssimo torques, peça ímpar entre as similares jóias protohistóricas conhecidas (1).

No entanto, pelo conjunto dos motivos ornamentais, podem apontar-se duas semelhanças de que temos conhecimento.

Uma delas é com os enfeites em filigrana e granulado do remate ou cabeça do torques da Citânia de Santa Tecla. A esta bela peça o notável arqueólogo galego, Florentino Cuevillas, no seu trabalho *Os torques do noroeste hispánico* (2), refere-se-lhe nestes termos: «...pol-a sua riqueza decorativa, técnica do finíssimo granulado que ostenta e disposición dos motivos, costitue un caso único na xoieiría arcaica da Galecia».

Embora as cabeças destes torques, em forma de esbelta jarrinha, sejam de morfologia inteiramente diversa, o certo é que nelas se vê o mesmo motivo ornamental de filigrana em volutas carregadas de fino granulado ou missanga miudinha.

O grau de arqueamento é mais acentuado nas volutas do torques de Santa Tecla.

Afigura-se-nos porém que a maior semelhança quanto aos motivos ornamentais é com os torques do Castro do Monte do Castelo, da Póvoa de Lanhoso.

Ali apareceram três torques de estruturação bem diversa da do torques de Vilas Boas, porquanto os de Lanhoso são formados por um eixo de bronze revestido de chapas e fios de ouro.

No entanto aqueles três torques, infelizmente bastante fracturados, são ricamente decorados com aplicações de filigrana associada a grande quantidade de esférulas de ouro.

(1) Teria certo interesse fazer uma carta da distribuição dos diferentes tipos de torques no Noroeste peninsular. Este trabalho foi em grande parte feito pelo grande arqueólogo galego Florentino López Cuevillas, no seu belo trabalho *Os torques do noroeste hispánico*, cit.

(2) Florentino López Cuevillas, *Os torques do noroeste hispánico*, cit., p. 117.

Em dois destes torques há o mesmo enfeite de filigrana, de fios de ouro dobrados em voluta de arquitetura não muito acentuada, em arranjo a que Carlos Teixeira, no trabalho ⁽¹⁾ que publicou sobre estes 3 torques, chamou ornamentação em SS deitados, «dispostos em série contínua e encadeada», associados a esferazinhas e com as superfícies intercalares com um fino granitado.

Sabe-se que no apogeu da civilização castreja os aurífices de então fabricavam jóias notáveis quer pela quantidade quer pela qualidade.

Com a dominação romana a exploração do ouro passou a fazer-se em maior escala do que anteriormente. Mas esse ouro, arrancado por enorme quantidade de escravos e de condenados (*damnatio ad metalla*) era destinado ao erário do Império Romano e o mais dele amoedado.

Plínio, na sua célebre *História Natural* refere o trabalho violento das minas de ouro da Lusitânia, Galiza e Astúrias, que produziam anualmente seis toneladas e meia de ouro. Com a dominação romana há uma acentuada diminuição de fabrico de jóias de ouro, o que se explica pela drenagem quase total que os romanos faziam do ouro peninsular enviando-o para Roma.

Com a escassez do ouro, digamos no mercado regional, é natural que a indústria joalheira indígena entrasse em decadência, como é facto arqueològicamente averiguado.

Sendo assim é de crer que o torque de Vilas Boas deva ser anterior à invasão romana ou pelo menos anterior ao período do franco domínio romano na Lusitânia. Podemos portanto situá-lo no século II-I a. C., ou mesmo antes, sem contudo poder atribuir-lhe mais do que esta vaga cronologia.

Qualquer que seja a cronologia que possa vir a ser-lhe estabelecida com mais segurança e com outros elementos de análise, o certo é que esta belíssima jóia arqueológica, pela graciosidade do risco, — a que as duas

(1) Carlos Teixeira, *Os torques do Castro de Lanboso (Póvoa de Lanboso)*, in «Anais da Faculdade de Ciências do Porto», vol. XXIV, pp. 245 a 252, 8 figs. e 4 Est.

«gaiolinhas», cada uma com sua esfera de ouro, dão notável encanto —, pela variedade, harmonia e opulência dos seus enfeites, constitui o mais belo de quantos torques se conhecem na Península Ibérica e fora dela. É um documento precioso que atesta, de maneira flagrante, o alto nível que, no apogeu da cultura castreja, foi atingido pelos aurífices do Noroeste peninsular de há cerca de 2000 anos.

Julho de 1965.

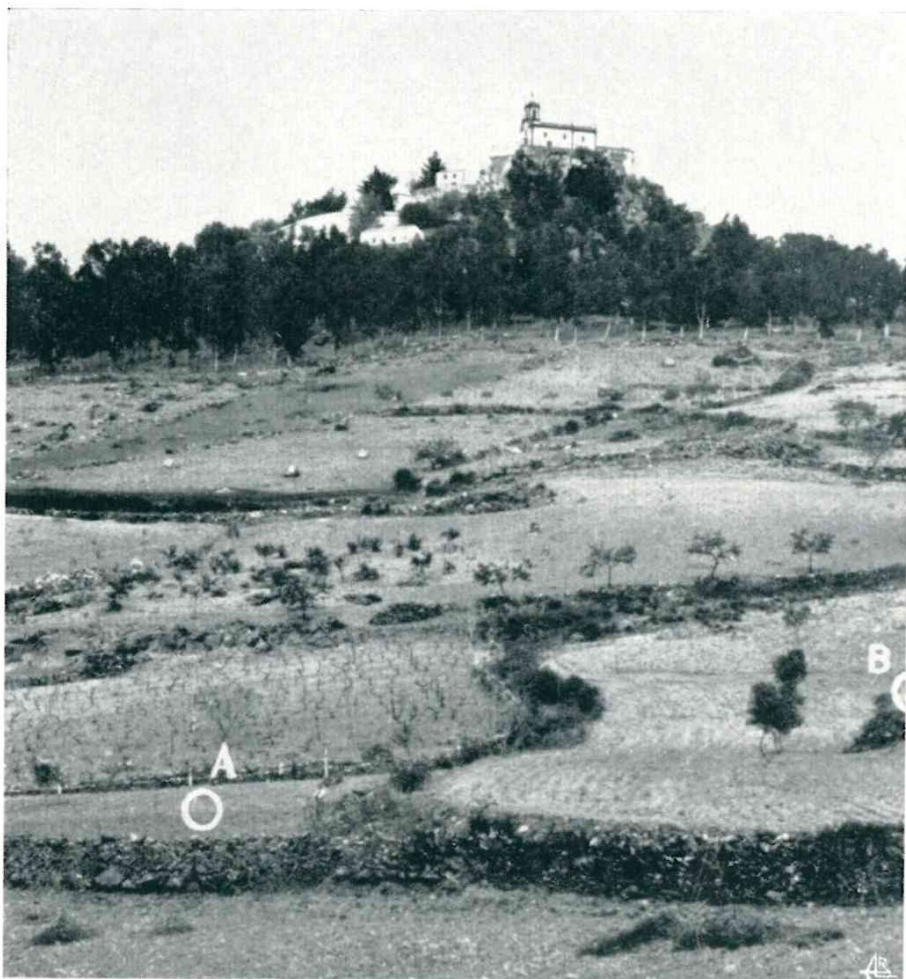


Fig. 1

O sítio das Tamancas na base da vertente sul do monte da Senhora da Assunção do Cabeço. A—sítio onde o Sr. José Dionísio diz ter encontrado o torques. B—indica a extrema do ponto onde o Sr. Joaquim da Silva Amaral diz ter achado o torques ao lavrar aquela terra das Tamancas.

(Fotografias e desenhos dos autores)

C. M. B.
BIBLIOTECA

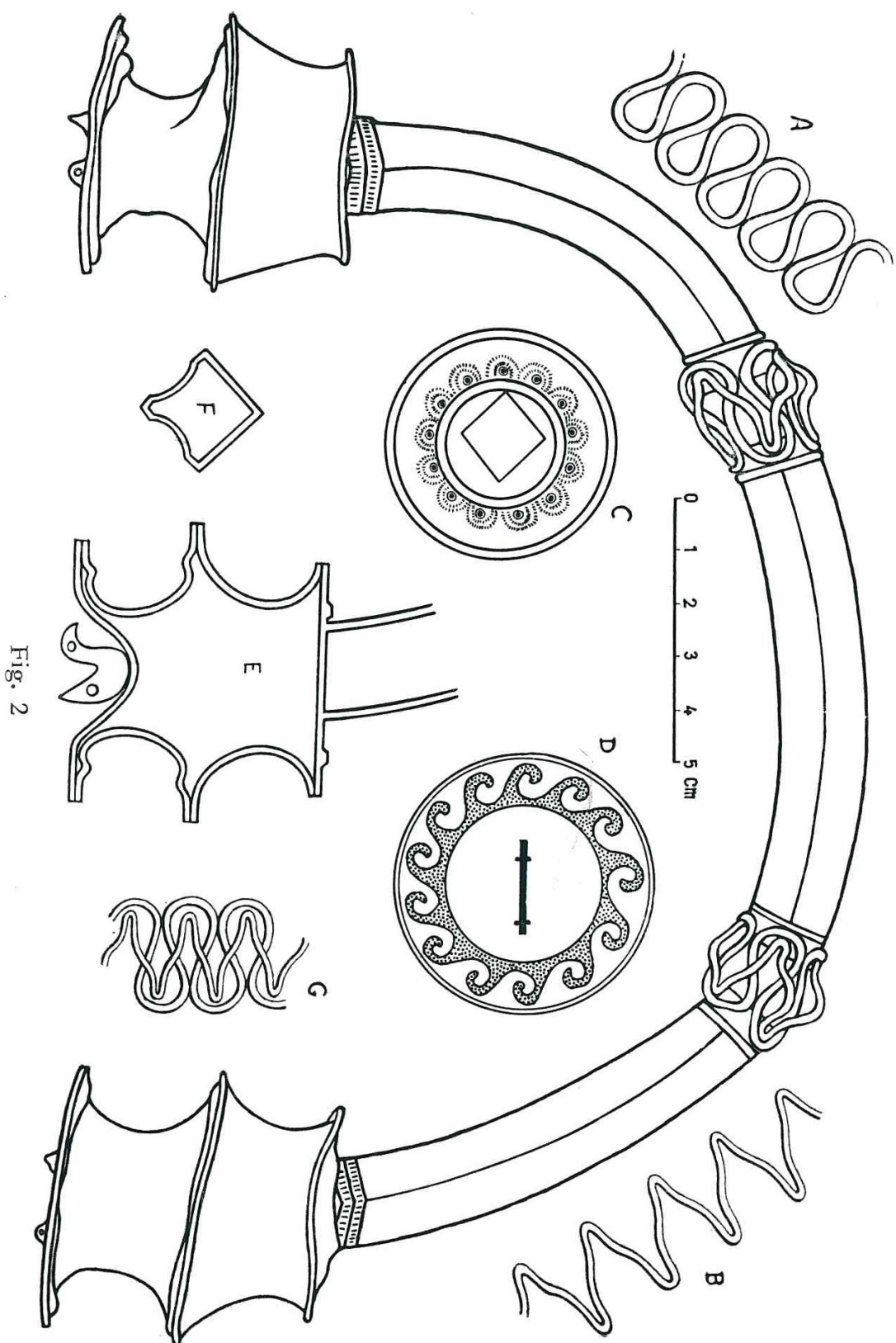


Fig. 2

Desenho semi-esquemático do torques de Vilas Boas (Vila Flor) e de alguns seus pormenores.

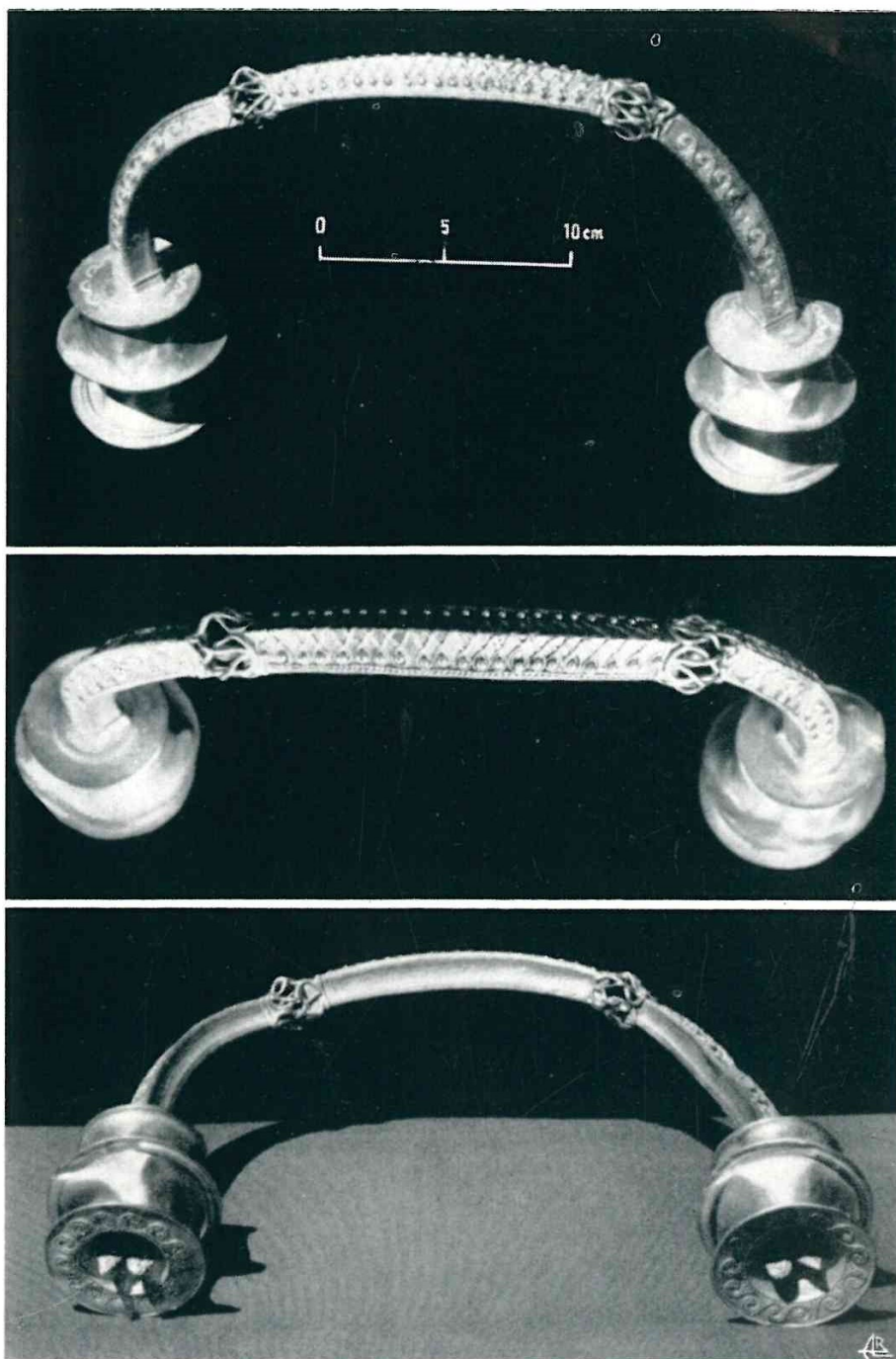


Fig. 3

Alguns aspectos do torques de Vilas Boas (Vila Flor).

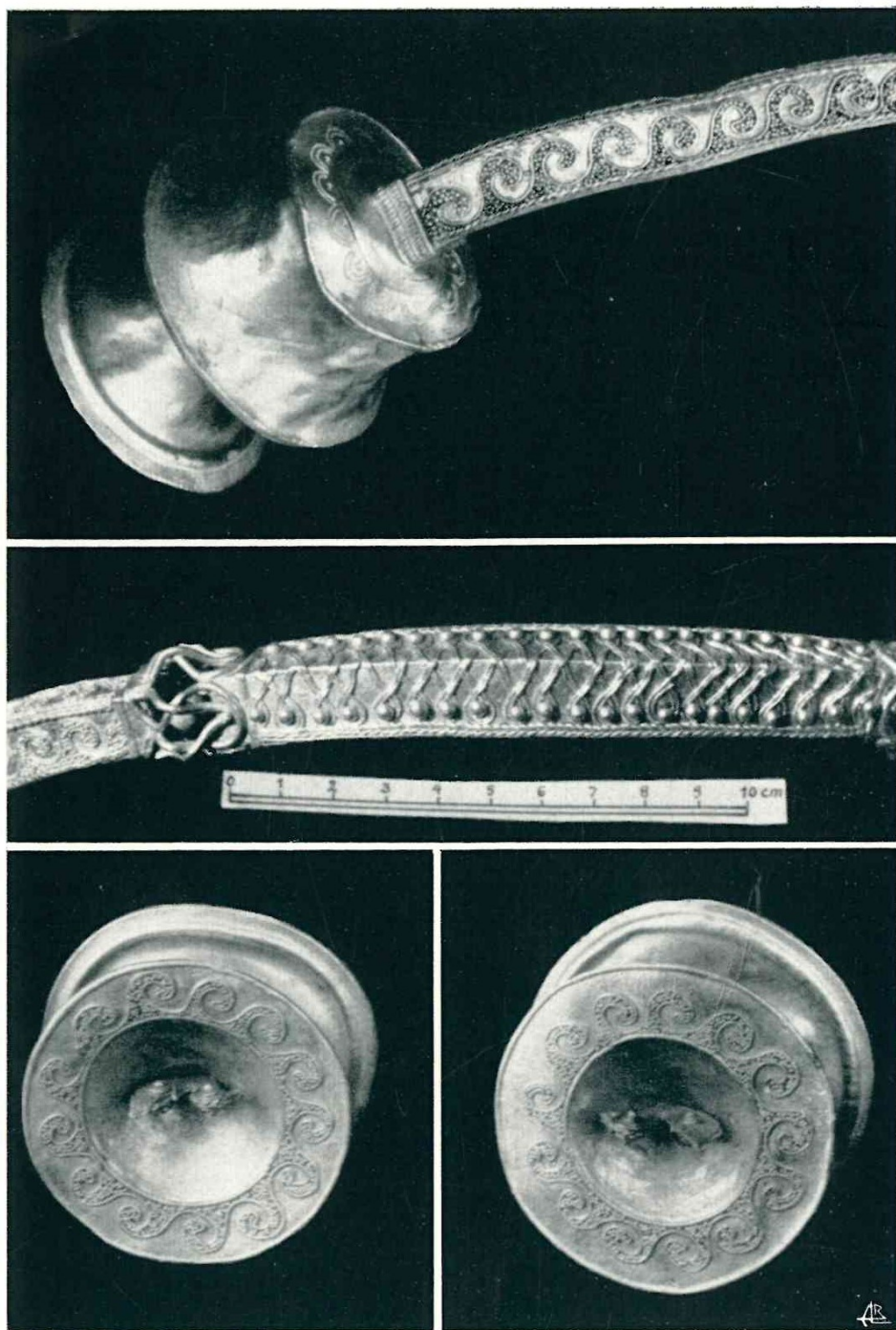


Fig. 4

Alguns pormenores do torques de Vilas Boas (Vila Flor).

biblioteca
municipal
barcelos



11609

O torque de Vilas Boas (Vila
Flor)